



Serviços financeiros: desafios e perspectivas – Relatório geral

Síntese

Introdução

A recente crise financeira pôs em evidência os graves desafios com que o sector europeu dos serviços financeiros está confrontado. Quais são as perspectivas de que desta crise venha a emergir um sector financeiro viável e mais resiliente? O presente relatório analisa as tendências económicas existentes nos sectores bancário e dos seguros e o debate sobre a regulamentação dos mercados financeiros. Examina pormenorizadamente os modelos de negócio que estão a ser aplicados nos diversos segmentos do sector financeiro em resposta à crise. Por último, elabora cenários para o eventual processo de adaptação do sector europeu dos serviços financeiros. A investigação foi realizada através de estudos de caso de várias empresas do sector, um inquérito em linha e entrevistas a peritos de empresas, parceiros sociais, instituições de investigação e autoridades públicas, bem como de uma análise aprofundada de declarações e dados financeiros das empresas.

Contexto político

É pouco provável que a sucessão de choques resultantes da vulnerabilidade dos bancos tenha chegado ao fim. Os riscos crescentes de incumprimento nos mercados imobiliários, nos mercados de produtos e entre os bancos da Europa e dos EUA terão um efeito negativo nos activos bancários e no crescimento económico. Em consequência, todos os cenários de saída da crise elaborados pela Comissão Europeia apontam para uma fase de transição com um crescimento baixo ou mesmo negativo. São aspectos positivos o início de reformas regulamentares e a redução da incerteza quanto ao seu âmbito e orientação, graças à recente aprovação da «*Wall Street Reform Bill*» pelo Senado dos EUA, bem como a decisão adoptada na União Europeia sobre a regulamentação dos fundos de retorno absoluto e de outras questões. Contudo, o debate global sobre um quadro regulamentar a nível mundial, tal como prevêem os governos do G20, ainda está em curso.

Principais conclusões

Em resposta à crise, as empresas financeiras adaptaram os seus modelos de negócio, concentrando-se nos pontos fortes da sua actividade principal. Observa-se um processo de redução significativa do rácio de endividamento (liquidação da dívida) sobretudo na banca privada. Vários bancos privados tentaram expandir as suas actividades retalhistas e comerciais, mas regressaram à banca de investimento quando os mercados de capitais abriram novas oportunidades promissoras. Os bancos estatais, abrangidos por programas de emergência com utilização de fundos públicos, foram reestruturados através da venda das actividades periféricas e de risco. Os instrumentos de avaliação dos riscos foram aperfeiçoados e os rácios de fundos próprios aumentaram. Os balanços foram restaurados através de depreciações consideráveis e grandes parcelas do negócio voltaram a ser rentáveis.

Contudo, este regresso à rentabilidade foi feito à custa de uma apreciável redução de postos de trabalho. Em 2009, aproximadamente 10% dos postos de trabalho nos bancos estatais examinados foram eliminados (cerca de 5% nos bancos privados inquiridos). Nos bancos cooperativos analisados, os postos de trabalho sofreram uma redução de 1%. O número de postos de trabalho só aumentou efectivamente numa companhia de seguros e num banco «ético». Embora os estudos de caso não forneçam uma imagem completa da evolução do emprego no sector, mostram como a sua reestruturação afectou o número de postos de trabalho.

A maioria das empresas reviu os sistemas de remuneração dos gestores e intermediários financeiros, ligando o rendimento ao desempenho empresarial durante vários anos. De um modo geral, o valor dos bónus – relativamente aos salários fixos – foi reduzido e os pagamentos diferidos entre três e

quatro anos. Uma percentagem substancial dos bónus é presentemente concedida sob a forma de acções da empresa. Resta ainda observar os efeitos dessas alterações no comportamento em matéria de investimento e na apetência pelo risco.

Apesar de partilharem algumas tendências gerais, os modelos de negócio das empresas financeiras revelam divergências significativas e podem ser classificados segundo três abordagens diferentes. Um grupo de bancos «liberais», fundos de investimento e outros intermediários obtêm grandes lucros das carteiras de negociação e das negociações com capital próprio. Ao mesmo tempo que adaptam as suas operações empresariais às novas condições de mercado, continuam a procurar manter a sua estratégia orientada para o lucro, exercendo pressão para que não haja grandes alterações do quadro regulamentar.

Um segundo grupo de «bancos estatais», que ficaram sob o controlo do Estado durante a crise, enfrenta, neste momento, uma reestruturação rigorosa. Esses bancos têm de se adaptar a perdas substanciais nas carteiras de negociação e à reorientação das estratégias empresariais para a actividade principal de retalho e comercial. A supervisão pública afecta fortemente o processo de reestruturação, mas também oferece vantagens importantes sob a forma de garantias estatais.

Um terceiro grupo é descrito como «sustentável», uma vez que se trata de instituições com estratégias empresariais a longo prazo, um menor rácio de endividamento e objectivos menos ambiciosos em termos de lucro. Este grupo não estava muito envolvido nos novos mercados financeiros e, por isso, não sofreu grandes perdas devido à depreciação dos activos. Pertence a este grupo parte das caixas económicas e dos bancos cooperativos, bem como os novos bancos «éticos» e a maioria das companhias de seguros.

Cenários para o futuro

Com base nas conclusões acima referidas, foram elaborados três cenários de adaptação potencial do sector financeiro europeu.

O passado é o futuro

Este cenário parte do princípio de que os principais intervenientes são suficientemente fortes para impedir uma grande reforma do sistema financeiro. A crise é, de um modo geral, interpretada como a acumulação de circunstâncias desfavoráveis e não como uma deficiência sistémica. Isto permitirá aos bancos «liberais» continuar com as suas estratégias orientadas para o lucro, enquanto o segmento «sustentável» conseguirá manter a sua posição, embora sem se expandir substancialmente. Confrontados com o poder crescente dos bancos «liberais», os bancos «estatais» ficarão sob pressão e os governos tentarão reduzir o seu envolvimento nessas instituições. O cenário pressupõe que se

pode evitar uma nova crise financeira com pequenos ajustamentos regulamentares e que a banca a retalho e comercial assegurará uma estabilidade suficiente.

Uma nova ordem mundial para os mercados financeiros

Este cenário prevê que os governos do G20 cheguem a acordo sobre uma reforma fundamental do sistema financeiro mundial em Dezembro de 2010. Essa reforma inclui rácios de fundos próprios mais elevados e baseados nos riscos, a separação entre a banca de investimento e a banca a retalho e comercial, a apresentação de planos de resolução de crises («testamento em vida») – pelo menos pelos principais intervenientes – e uma monitorização eficaz. A aplicação destas regras reduzirá as vantagens competitivas dos bancos liberais e colocará as empresas sustentáveis e estatais em muito melhor posição. Os rácios de fundos próprios mais elevados serão o elemento fundamental deste tipo de adaptação, o que exigirá um período de transição longo e difícil.

Economias divididas

Este cenário parte do pressuposto de que a crise financeira não pode ser mantida sob controlo. O aumento das taxas de incumprimento e a sobrecarga dos orçamentos públicos obrigarão alguns governos da área do euro a reduzirem o passivo financeiro em 20% a 30% e a resolverem a situação de uma série de bancos, fechando-os ou nacionalizando-os. Os programas de austeridade adoptados nos países europeus constituirão uma sobrecarga adicional para as economias reais e o aumento da inflação nos EUA e no Reino Unido produzirá novos desequilíbrios. O cenário prevê o malogro da regulamentação internacional dos mercados financeiros, levando a que um grupo de gestores e profissionais fortemente orientado para o lucro e para o crescimento continue a envolver-se na especulação e na arbitragem de curto prazo, sustentado por alguns países que oferecem mercados financeiros liberais. A esta abordagem opor-se-ão alguns sectores da sociedade, que começarão a desenvolver economias locais em rede. Uma crítica de fundo às economias globalizadas conduzirá a novas abordagens baseadas em «microrganismos» e não em macro-instituições.

Todos os cenários prevêem uma maior redução do emprego no sector financeiro, que será mais grave no terceiro cenário. Contudo, a pressão para economizar nos custos será forte em todos os cenários, ao mesmo tempo que as tecnologias da informação e das comunicações oferecerão margem para um aumento contínuo da produtividade. O segundo dos três cenários («uma nova ordem mundial») é o que oferece melhores condições para a evolução do diálogo social.

Informações complementares

O relatório Financial services: challenges and prospects – está disponível no endereço
<http://www.eurofound.europa.eu/emcc/content/source/eu10001a.htm>

Radoslaw Owczarzak, Gestor de Investigação
row@eurofound.europa.eu